

*John Newton | Keith Mathison | Robert Rothwell
Burk Parsons | Sinclair Ferguson*

CONTROVÉRSIA

Como um cristão deve lidar com debates

*John Newton | Keith Mathison | Robert Rothwell
Burk Parsons | Sinclair Ferguson*

CONTROVÉRSIA

Como um cristão deve lidar com debates

CONTROVÉRSIA: COMO UM CRISTÃO DEVE LIDAR COM DEBATES

POR JOHN NEWTON ET. AL.

E-book compilado e publicado por

VOLTEMOS AO EVANGELHO

Disponível em <http://VoltemosAoEvangelho.com>

Primeira edição do e-book em português: Junho de 2012.

*John Newton | Keith Mathison | Robert Rothwell
Burk Parsons | Sinclair Ferguson*

CONTROVÉRSIA

Como um cristão deve lidar com debates

CRÉDITOS

“CARTA A UM PASTOR ENVOLVIDO EM CONTROVÉRSIA”

Por John Newton.

Tradução: Editora Fiel.

Revisão: Voltemos ao Evangelho

“CONSIDERE SEU ADVERSÁRIO”

Por Keith Mathison © Ligonier Ministries.

Tradução e revisão: Voltemos ao Evangelho

“CONSIDERE O PÚBLICO”

Por Robert Rothwell © Ligonier Ministries.

Tradução e revisão: Voltemos ao Evangelho

“CONSIDERE A SI MESMO”

Burk Parsons © Ligonier Ministries.

Tradução e revisão: Voltemos ao Evangelho

“CONSIDERE A GLÓRIA DE DEUS”

Por Sinclair Ferguson © Ligonier Ministries.

Tradução e revisão: Voltemos ao Evangelho

As citações bíblicas são, em sua maioria, extraídas da tradução

Almeida Revista e Atualizada

© Sociedade Bíblica do Brasil.

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	1
<i>Carta Sobre a Controvérsia</i>	3
<i>Considere Seu Adversário</i>	11
<i>Considere o Público</i>	17
<i>Considere a Si Mesmo</i>	23
<i>Considere a Glória de Deus</i>	29

PREFÁCIO

Seja sincero: quem não gosta de uma controvérsia de vez em quando? Parece que o ser humano tem um gosto natural para debates. É comum vermos pessoas defendendo até o fim as próprias opiniões sobre política, futebol, artes, filmes, música e... religião. É, religião! Parece que nenhum assunto é tão debatido quando o divino - e isso não apenas no apoteótico debate entre ateus e teístas ou entre cristãos e muçulmanos, mas entre cristãos e cristãos. Pois é.

Desde os primórdios da Cristandade, houve aqueles que eram conhecidos como “polemistas”, homens que se dedicavam a combater os ensinamentos heréticos que surgiam dentro da igreja. Concílios e mais concílios foram realizados para solucionar controvérsias, tais como a Trindade, a natureza de Cristo, Maria como mãe de Deus, a divindade de Jesus, o uso de imagens no culto, etc. Temos os duelos históricos entre Agostinho e Pelágio, Lutero e Erasmo, Calvino e Servetus. A Reforma Protestante começou por causa de uma controvérsia por conta da justificação pela fé somente.

Hoje em dia, na era da internet, o número de guerreiros virtuais é incalculável. Desde as comunidades do Orkut às páginas do Facebook, passando pelos vídeos do Youtube, debates, polêmicas e controvérsias são frequentes e inevitáveis. Não im-

porta se você tenta fugir da discussão; em algum momento, o circo vai pegar fogo e o quebra-pau teológico vai alcançar você. É só uma questão de tempo.

Sendo assim, precisamos todos estar preparados para momentos como estes. Como debater corretamente? Que tom usar? Como se relacionar com o público que vê a discussão? São essas as questões que esse livreto pretende responder, e o faz magistralmente.

Que Deus o abençoe com esta leitura, assim como abençoou a minha e me deu boas lições sobre como me comportar de modo cristão nos momentos em que quero acertar meu adversário teológico com o Catecismo, o Maior, literalmente.

Yago Martins
Membro do Voltamos ao Evangelho
e polemista de Facebook

CARTA SOBRE A CONTROVÉRSIA

John Newton

Um pastor, prestes a escrever um artigo criticando um colega pastor por sua falta de ortodoxia, escreveu a John Newton sobre suas intenções. O que segue é a carta resposta de Newton:

Caro Senhor,

Visto que você está envolvido em controvérsia e que o seu amor pela verdade está unido a um entusiasmo natural de temperamento, minha amizade me deixa apreensivo a seu respeito. Você está do lado mais forte, porque a verdade é poderosa e tem de prevalecer. Assim, mesmo uma pessoa de habilidades inferiores pode entrar na batalha confiante na vitória. Por essa razão, não estou ansioso pelo acontecimento da batalha. Mas desejo que você seja mais do que vencedor e triunfe, não somente sobre o seu adversário, como também sobre você mesmo.

Se você não pode ser vencido, pode ser ferido. A fim de preservá-lo de tais feridas, que lhe poderiam dar motivo de chorar por suas conquistas, quero presenteá-lo com algumas considerações, que, devidamente atendidas, lhe servirão de cota de malha, um tipo de armadura do qual você não precisará

queixar-se, como o fez Davi em relação à armadura de Saul, a qual era incômoda e inútil. Você perceberá que esta cota de malha foi extraída do grande manual dado ao soldado cristão, a Palavra de Deus.

Estou certo de que você não espera qualquer pedido de desculpas por minha liberdade; por isso, não oferecerei nenhum. Por amor ao método, reduzirei meu conselho a três assuntos: o seu oponente, o público e você mesmo.

Considere seu oponente

Quanto ao seu oponente, desejo que, antes de começar a escrever contra ele e durante todo o tempo em que estiver preparando a sua resposta, você o confie, por meio da oração sincera, ao ensino e à bênção do Senhor. Esta atitude terá a tendência imediata de conciliar seu coração ao amor e à compaixão por seu adversário; e tal disposição exercerá boa influência sobre cada página que você escrever.

Se você toma seu adversário por um crente, embora esteja grandemente errado no assunto debatido entre vocês, as palavras de Davi a Joabe, a respeito de Absalão, lhe são bastante aplicáveis: “Tratai com brandura... por amor de mim” (2Sm 18.5). O Senhor ama e tolera o seu oponente; portanto, você não deve menosprezá-lo ou tratá-lo com grosseria. O Senhor tolera igualmente a você e espera que demonstre ternura para com os outros, motivado pelo senso de perdão de que você mesmo tanto necessita.

Em breve, vocês se encontrarão no céu. Ali, ele lhe será mais querido do que o amigo mais íntimo que você tem agora neste mundo. Em seus pensamentos, antecipe aquele tempo. E, embora você julgue necessário opor-se aos erros dele, encare-o

pessoalmente como um irmão, com quem você será feliz, em Cristo, para sempre.

Mas, se você o considera uma pessoa não-convertida, em um estado de inimizade contra Deus e a graça dEle (esta é uma suposição que, sem boas evidências, você não deve se mostrar disposto a admitir), ele é mais um objeto de sua compaixão do que de sua ira.

Infelizmente, “ele não sabe o que está fazendo”. Mas você sabe quem lhe tornou diferente. Se Deus, em seu soberano beneplácito, assim o tivesse determinado, você poderia ser o que o seu adversário é agora; e ele, em seu lugar, estaria defendendo o evangelho. Por natureza, vocês eram igualmente cegos. Se você atentar a este fato, não censurará nem odiará o seu oponente, porque o Senhor se agradou em abrir os seus olhos e não os olhos dele.

De todas as pessoas que se envolvem em controvérsia, nós, que somos chamados calvinistas, estamos especialmente obrigados, por nossos princípios, a exercer gentileza e moderação. Se aqueles que diferem de nós têm capacidade de mudar a si mesmos, se podem abrir seus próprios olhos e amolecer seus próprios corações, então, nós podemos, com menor incoerência, ser ofendidos pela obstinação deles. Contudo, se cremos no exato oposto disso, nosso dever é não contender, mas instruir, com mansidão, aqueles que se opõem, “na expectativa de que Deus lhes conceda... o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade” (2Tm 2.25).

Se você escrever com o desejo de ser um instrumento de corrigir erros, é claro que terá cautela para não ser uma pedra de tropeço no caminho dos cegos, nem utilizar expressões que podem incendiar as paixões deles, confirmá-los em seus precon-

ceitos e, por meio disso, tornar mais impraticável (do ponto de vista humano) o convencimento deles.

Considere o público

Por meio da página impressa, você apela ao público; e seus leitores podem ser classificados em três grupos. Primeiramente, aqueles que discordam de você em princípio. Sobre estes posso reportar-lhe o que já disse antes. Embora você tenha em vista, principalmente, um único indivíduo, há muitos com opinião idêntica à dele; portanto, a mesma argumentação poderá atingir uma só pessoa ou milhares.

Também haverá muitos que darão pouquíssima consideração ao cristianismo, bem como à ideia de pertencerem a um sistema religioso estabelecido, e que estão engajados na luta em favor daqueles sentimentos que são, no mínimo, repugnantes às boas opiniões que os homens naturalmente possuem a respeito de si mesmos. Estes são incompetentes para julgar doutrinas, mas podem formular uma opinião tolerável a respeito do espírito de um escritor. Eles sabem que mansidão, humildade e amor são as características do temperamento de um crente. E, embora tais leitores finjam considerar as doutrinas da graça como meras opiniões e especulações que, supondo fossem adotadas por eles, não teriam qualquer influência saudável sobre seu comportamento, eles sempre esperaram de nós, que professamos estes princípios, que tais disposições correspondam com os preceitos do evangelho. Eles discernem imediatamente quando nos afastamos de tal espírito, considerando isso um motivo para justificar o menosprezo deles para com os nossos argumentos.

A máxima das Escrituras: “A ira do homem não produz a justiça de Deus” (Tg 1.20) é confirmada pela observação diária.

Se tornamos amargo o nosso zelo, por utilizarmos expressões de ira, injúria, zombaria, podemos pensar que estamos fazendo um serviço à causa da verdade, quando, na realidade, estamos apenas lhe trazendo descrédito.

As armas de nossa milícia, que sozinhas podem destruir as fortalezas do erro, não são carnisais e sim espirituais; são argumentos extraídos corretamente das Escrituras, bem como da experiência, e reforçados por uma aplicação compassiva, capaz de convencer nossos leitores. Estes argumentos (quer convencamos os leitores, quer não) mostram que almejamos o bem da alma deles e estamos contendendo tão-somente por amor à verdade. Se pudermos convencê-los de que agimos com estes motivos, nosso objetivo está parcialmente alcançado. Eles se mostrarão mais dispostos a ponderar, com calma, aquilo que lhes oferecemos. E, se ainda discordarem de nossas opiniões, serão constrangidos a aprovar nossas intenções.

Você encontrará uma terceira classe de leitores, que, pensando como nós, aprovarão prontamente o que você dirá e, talvez, serão estabelecidos e firmados em seus pontos de vista sobre as doutrinas das Escrituras, por meio de uma elucidação clara e magistral do assunto. Você pode ser um instrumento para a edificação deles, se a lei da bondade, bem como a da verdade, regularem sua caneta, pois, de outro modo, você lhes causará danos.

Existe um princípio do “eu” que nos leva a desprezar todos aqueles que discordam de nós. É geralmente nos encontramos sob a influência deste princípio, quando pensamos estar apenas mostrando um zelo conveniente na causa do Senhor.

Creio prontamente que os principais argumentos do arminianismo surgem do orgulho humano — e são nutridos por tal orgulho. Todavia, devo me alegrar se o contrário sempre foi verdadeiro. Também creio que aceitar o que é chamado de dou-

trinas calvinistas consiste em um sinal infalível de uma mentalidade humilde.

Tenho conhecido alguns arminianos — ou seja, pessoas que, por falta de mais iluminação, têm se mostrado receosas de abraçar as doutrinas da graça gratuita — que têm dado evidências de que seus corações estavam em profunda humildade diante do Senhor.

E temo que haja calvinistas que, enquanto tomam como prova de sua humildade o fato de que estão dispostos a degradar, em palavras, a criatura e dar toda a glória da salvação ao Senhor, desconhecem o tipo de espírito que possuem.

Aquilo que nos faz ter confiança de que, em nós mesmos, somos comparativamente sábios ou bons, a ponto de tratar com desprezo aqueles que não subscrevem nossas doutrinas ou seguem o nosso grupo, é uma prova e um fruto do espírito de justiça própria. A justiça própria pode se alimentar de doutrinas, bem como de obras. Um homem pode ter o coração de um fariseu, enquanto a sua mente está repleta de conceitos ortodoxos sobre a indignidade da criatura e as riquezas da graça gratuita. Sim, eu poderia acrescentar: os melhores dos homens não estão completamente livres deste fermento. Por isso, eles estão propensos a se satisfazerem com apresentações que podem levar os nossos adversários ao ridículo e, por consequência, bajular as nossas opiniões superiores.

Controvérsias, em sua maioria, são administradas de modo a favorecer, e não a reprimir, esta disposição errada. Portanto, falando de modo geral, as controvérsias produzem pouquíssimo bem. Elas provocam aqueles aos quais deveriam convencer e envaidecem aqueles que elas deveriam edificar. Espero que seu empreendimento tenha o sabor de um espírito de humildade e seja um meio de promovê-la em outros.

Considere a si mesmo

Isto me leva, em último lugar, a considerar nosso interesse em seu atual empreendimento. Parece um serviço louvável defender a fé que uma vez foi entregue aos santos. Somos ordenados a batalhar diligentemente por esta fé e convencer os que se opõem. Se tais defesas foram convenientes e oportunas em tempos passados, parecem que elas também o são em nossos dias, quando erros abundam por todos os lados e cada verdade do evangelho é negada de modo direto ou apresentada de modo grotesco.

Além disso, encontramos poucos escritores de controvérsia que não têm sido claramente prejudicados por ela — ou por desenvolverem um senso de importância pessoal, ou por absorverem um espírito de contenção irada, ou por afastarem insensivelmente sua atenção das coisas que constituem o alimento e a sustentação imediata da vida de fé e gastarem seu tempo e forças em assuntos que, em sua maioria, são apenas de valor secundário. Isto nos mostra que, se o serviço é louvável, ele é também perigoso. Que benefício um homem pode ter em ganhar a sua causa, silenciar o adversário, se, ao mesmo tempo, ele perde aquele espírito de humildade e contrição que deleita o Senhor e conta com a promessa de sua presença?

Sem dúvida alguma, o seu alvo é bom, mas você tem necessidade de vigilância e oração, pois Satanás estará à sua mão direita para opor-se a você. Ele tentará destruir suas opiniões. E, embora você se levante em defesa da causa de Deus, ela pode tornar-se sua própria causa, se você não estiver olhando continuamente para o Senhor, a fim de ser guardado e alertado por Ele, naquelas disposições que são incoerentes com a verdadeira paz de espírito; isto certamente obstruirá a comunhão com Deus.

Esteja alerta contra o permitir que alguma coisa pessoal entre no debate. Se você acha que foi injuriado, terá a oportunidade de mostrar que é um discípulo de Cristo, pois Ele, “quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças” (1Pe 2.23). Este é o nosso padrão; por isso, temos de escrever e falar por Deus, “não pagando mal por mal ou injúria por injúria; antes, pelo contrário, bendizendo, pois para isto mesmo fostes chamados” (1Pe 3.9).

A sabedoria que vem do alto não é somente pura, mas também pacífica e cordial. A falta destas qualidades, à semelhança da mosca morta em uma vasilha de unguento, estragará o sabor e a eficácia de nossos labores.

Se agirmos com espírito errado, traremos pouca glória para Deus, faremos pouco bem ao nosso próximo e não obtaremos nem descanso nem honra para nós mesmos.

Se você puder se contentar com o expressar a sua opinião e, assim, conquistar o sorriso de seu oponente, isto será uma tarefa fácil. Mas espero que você tenha outro alvo mais nobre e que, estando sensível à solene importância das verdades do evangelho e à compaixão pelas almas dos homens, você preferirá ser um meio de remover preconceitos em uma única ocasião a obter os aplausos inúteis de milhares. Portanto, vá em frente, no nome e na força do Senhor dos Exércitos, falando a verdade em amor. E que o próprio Senhor dê em muitos corações um testemunho de que você é ensinado por Ele e favorecido com a unção do Espírito Santo.

CONSIDERE SEU ADVERSÁRIO

Keith Mathison

Eu fui convencido acerca da verdade da teologia reformada enquanto estudava no *Dallas Theological Seminary* [Seminário Teológico de Dallas] — a instituição baluarte da teologia dispensacionalista. Alguns dos meus colegas me acusavam de ser um apóstata quando descobriram que eu tinha rejeitado o dispensacionalismo. Tendo vestido meu novo uniforme de calvinista-de-cinco-pontos, eu assumi uma postura que era arrogante e condescendente para com aqueles que permaneciam comprometidos com o dispensacionalismo. A zombaria se tornou uma arma essencial no meu arsenal. Quando cheguei ao *Reformed Theological Seminary* [Seminário Teológico Reformado], pousei bem no meio de debates entre alunos sobre tópicos que não eram familiares a mim — debates sobre teonomia, metodologia apologética, e mais — e não eram frequentes em Dallas. Eu não era capaz de contribuir muito a essas discussões, mas continuei minha zombaria dos dispensacionalistas.

Eu estava naquilo que Michael Horton chama de a “fase da jaula” — aquele período durante o qual um novo convertido à teologia reformada deveria ser trancado em uma jaula para seu próprio bem e o bem daqueles que estão próximos a ele.

Durante a fase da jaula, o recém convertido à teologia reformada está frequentemente zangado pelo fato de as doutrinas da graça não lhe terem sido ensinadas mais cedo. Ele pode ser particularmente rancoroso contra a tradição da qual ele veio, e aí daqueles que permanecem naquela tradição (quer seja o dispensacionalismo ou outra qualquer). Eles são frequentemente vistos como intelectualmente inferiores por não serem capazes de ver a plena verdade das Escrituras que o gênio calvinista vê. Eles se tornam objeto de piadas e alvo de sarcasmo e escárnio. O nível de arrogância e orgulho a que alguém pode chegar durante a fase da jaula é surpreendente demais para se compreender e feio demais para se observar.

Eu não sei se John Newton passou por algo comparável à “fase da jaula” após ir a Cristo. O que eu sei é que a sua carta “Sobre a Controvérsia” me ajudou a ver o que eu vinha fazendo. Newton escreveu essa carta para um colega pastor que estava planejando empunhar a caneta contra outro pastor o qual ele acreditava estar em erro. Às vezes isso é necessário, mas Newton oferece alguns conselhos sábios sobre como fazê-lo. Em sua carta, ele aconselha seu amigo a pensar acerca de três coisas: seu adversário, seu público e ele mesmo. Neste artigo, nós consideraremos como devemos pensar sobre nosso adversário em uma controvérsia.

Newton inicia esta seção de sua carta com alguns conselhos muito sábios. Ele escreve:

Quanto ao seu adversário, eu desejo que antes que você pouse sua caneta no papel contra ele, e durante todo o tempo em que você estiver preparando sua resposta, você o entregue, pela mais sincera oração, ao ensino e à bênção de Deus. Esta prática terá uma tendência direta de apaziguar seu coração para ter amor e compai-

xão por ele; e tal disposição terá uma boa influência em cada página que você escrever.

Você já pensou em orar por aqueles com os quais você entrou em algum tipo de controvérsia? Parece óbvio, mas nós tendemos a nos envolver tanto no calor da batalha que facilmente nos esquecemos de fazer isso. Nós enxergamos nosso adversário teológico da mesma maneira que um soldado enxerga um combatente inimigo — como alguém que deve ser destruído antes que ele nos destrua. Assim, o debate teológico em círculos calvinistas às vezes se perverte e torna-se o equivalente verbal da Luta Livre. Se nós orássemos por aqueles com os quais entramos em controvérsia, seríamos menos inclinados a agir com ódio e malícia para com eles.

Newton então explica que nós precisamos considerar se nosso adversário em controvérsia é um crente ou não.

Se você o considera um crente, apesar de muito enganado no assunto do debate entre vocês, as palavras de Davi para Joabe a respeito de Absalão são muito aplicáveis: “Tratai-o com brandura por amor de mim.” O Senhor o ama e é paciente com ele; portanto, você não deve desprezá-lo nem tratá-lo cruelmente. O Senhor é paciente com você da mesma forma, e espera que você demonstre sensibilidade para com outros, mediante a consciência do quanto você mesmo necessita de perdão. Em breve, vocês se encontrarão no céu; ele então será mais querido a você do que o amigo mais próximo que você tem hoje na terra. Antecipe este período em seus pensamentos; e a despeito de você achar necessário se opor a seus erros, veja-o pessoalmente como uma alma da mesma família, com a qual você será feliz em Cristo eternamente.

Com que frequência nós esquecemos isso. Com que frequência nos esquecemos de tratar irmãos em Cristo como irmãos em Cristo — aqueles a quem o Pai ama e com os quais iremos compartilhar a eternidade no novo céu e a nova terra.

Por outro lado, se nós vemos nosso oponente como um incrédulo, devemos nos lembrar de que “prosseguimos apenas pela graça de Deus”. Deus poderia ter aberto os olhos dele ao invés dos nossos. Devemos permanecer humildes. Devemos lembrar que nós também estávamos alienados de Deus. Nós também éramos inimigos do Senhor. Nossa oração nesse caso deveria ser por sua conversão, e nós devemos ter cuidado para que não façamos nada que coloque uma pedra de tropeço desnecessária em seu caminho. Nós deveríamos falar ou agir na esperança de que nossas palavras serão usadas por Deus para trazer essa pessoa à fé e ao arrependimento.

A carta de Newton nos encoraja a tratar nossos adversários em controvérsia como nós desejaríamos ser tratados, e, se há uma coisa que todos nós detestamos, é sermos mal interpretados ou ultrajados. Nós devemos, portanto, empenhar todo esforço para interpretar com precisão os pontos de vista de nossos adversários. Embora Newton não lide explicitamente com essa questão, ela está implícita em suas palavras.

O nono mandamento nos proíbe de causar dano ao nosso próximo através de mentiras (Êx 20.16). Aqueles que seguem a Cristo não devem dar falso testemunho contra outras pessoas — sejam adversários teológicos ou não (Êx 23.1,7; Lv. 19.11,14,16). Mal interpretar a posição de um oponente no meio de uma controvérsia teológica é ultrajar aquela pessoa, e ultraje é um exemplo do uso maligno de palavras e linguagem (Tg 4.11).

Mal interpretar os pontos de vista daqueles de quem discordamos não é apenas desonesto, mas sem sentido. Nós devemos esforçar-nos para interpretar os pontos de vista de nossos adversários honestamente. Surrar um espantalho é um exercício sem sentido e nos faz parecer tolos no processo. Uma pessoa não pode convencer um adversário do erro de seu ponto de vista se estiver argumentando contra um ponto de vista que o seu oponente não defende.

Esforcemo-nos, portanto, para lembrarmo-nos de nosso adversário na controvérsia. Lembremo-nos de orar por ele, de lidar com ele gentilmente, e de lidar com ele com os mais altos padrões de honestidade.

CONSIDERE O PÚBLICO

Robert Rothwell

Incrédulos, ainda que tenham seus corações e mentes em oposição à verdade de Deus, às vezes possuem mais percepção espiritual do que lhes creditamos. Pelo menos foi isso que eu aprendi quando era calouro na faculdade. Por ser especializado em religião numa universidade secular, eu frequentemente me encontrava em debates em classe sobre a inerrância das Escrituras, a exclusividade de Cristo, e outras questões. Eu gostaria de poder dizer que eu sempre fui benevolente e pacifista em minhas tentativas de evitar que professores e estudantes distorcessem completamente os ensinamentos de Jesus. Infelizmente, meu entusiasmo pelas verdades centrais do evangelho às vezes se manifestava de maneiras nada edificantes. Tons elevados de voz, uma avidez por interromper meus adversários, entre outras coisas, eram constantemente partes de minhas argumentações. Muito frequentemente, eu estava mais preocupado em vencer o debate do que mostrar graça em minha defesa da verdade.

Tais demonstrações marcaram meu segundo ano, quando participei de minhas primeiras aulas de religião, mas eu nunca pensei no impacto que elas tiveram em meus colegas. Isso mudou no meu terceiro ano, quando uma de minhas colegas veio a mim após um debate em classe calmo e respeitoso entre eu e o professor sobre a exclusividade de Cristo para a salva-

ção. Essa moça não era cristã. Na verdade, ela era praticante de Wicca. Mas ela me comentou no final da aula que havia uma notável diferença no modo com eu argumentava em relação ao ano anterior. Ela não concordou com meu argumento, mas estava me elogiando pela minha maneira de apresentação. Era quase como se ela estivesse me agradecendo por apresentar meu argumento cristão de, bem, uma maneira cristã.

Dizer que eu sempre demonstrei caridade em meus argumentos desde aquele dia seria uma mentira. Contudo, eu gosto de pensar que eu pelo menos tento, durante meus melhores momentos, considerar o que o público pode estar pensando e esperando quando eu me posiciono como cristão. Afinal, quer gostemos ou não, outros crentes e até o mundo estão nos observando. A maneira pela qual nós argumentamos, portanto, terá uma influência espiritual no público, para o bem ou para o mal. É isso que John Newton nos relembra na segunda porção de sua carta “Sobre a Controvérsia”.

Newton menciona três grupos que compõem a comunidade que pode nos testemunhar no meio de uma controvérsia. O primeiro grupo consiste naqueles com os quais temos claras diferenças em princípio. Alguns destes serão cristãos, e alguns não serão. De uma forma ou de outra, eles têm opiniões religiosas arraigadas. Como deveríamos considerar estes observadores?

A respeito destes, devo remeter-te a o que eu já disse. Apesar de você ter sua atenção voltada principalmente para uma pessoa, há muitos com a mentalidade semelhante à dessa pessoa; e o mesmo raciocínio será aplicado, seja para um ou para um milhão.

Então neste ponto, sugiro que leia o artigo anterior nesta questão de conversa de mesa.

O segundo grupo de observadores são aqueles que não possuem opiniões religiosas arraigadas, mas conhecem as virtudes que marcam os verdadeiros cristãos. Tais indivíduos têm uma expectativa justa sobre como os crentes devem entrar em um debate. Em outras palavras, eles percebem quando não somos mansos, humildes, ou amorosos. Estes indivíduos estão procurando por esses escorregões para justificar sua rejeição da verdade. Essencialmente, Newton nos aconselha a nos comportarmos de maneira cristã de forma que não adicionemos combustível às chamas de sua rejeição.

Antes de expormos mais profundamente seu conselho a respeito deste grupo, façamos uma distinção entre aqueles que possuem uma justa expectativa dos cristãos e aqueles que possuem uma expectativa injusta. No mundo de hoje, muitas pessoas interpretam erroneamente as virtudes cristãs como mansidão, humildade, e amor. Eles acreditam que posicionar-se sobre qualquer coisa é inerentemente uma demonstração de arrogância e falta de amor. Tristemente, esta visão pode ser mais prevalente dentro da igreja do que até mesmo na cultura secular.

Newton refere-se àqueles que possuem um conhecimento básico do que a verdadeira humildade, mansidão e amor significam, não aqueles que possuem falsas expectativas baseadas em falsas compreensões das supracitadas virtudes. As pessoas às quais ele se refere sabem que a humildade não é a recusa de se posicionar pela verdade, mas a disposição de afirmar que não argumentamos pela verdade por nossa própria autoridade. Tais pessoas sabem que defender uma tese é uma profunda expressão de amor, especialmente se a tese está claramente sendo argumentada para o bem do oponente de alguém e seus ouvintes.

Tais argumentos devem ser

fidedignamente extraídos das Escrituras e da experiência, e impostos através de um discurso de tal suavidade que nossos leitores sejam persuadidos de que, quer os convençamos ou não, desejamos o bem para suas almas e que contendemos apenas em nome da verdade; se pudermos convencê-los de que agimos por estes motivos, nosso ponto está metade ganho; eles estarão mais dispostos a considerar calmamente o que oferecemos; e se eles ainda divergirem de nossas opiniões, eles serão constrangidos a aprovarem nossas intenções.

Em outras palavras, tanto observadores quanto adversários não devem ter dúvidas de que estamos contendendo pela verdade porque os amamos e não porque queremos parecer mais inteligentes ou mais sábios que os outros.

O último grupo de observadores que compõem o público de testemunhas, diz Newton, são aqueles que estão dispostos a concordar conosco. Nós podemos edificar grandemente a estas pessoas, ou podemos causar grande dano espiritual nelas.

É fácil aumentar uma multidão de pessoas com a mentalidade semelhante. Nós vemos isso o tempo todo em comícios políticos e em outros casos quando o orador está falando a pessoas que já concordam com suas convicções. Muito bem pode ser feito quando argumentamos pela verdade diante daqueles que estão na mesma página que nós. O entendimento deles de doutrina pode ser afiado, e o amor deles por Cristo aprofundado. Mas tais observadores estão prestando atenção não apenas ao conteúdo do que dizemos, mas à forma como dizemos. Se eles estão convencidos da verdade de nossas palavras, então são mais aptos a serem convencidos de que nossa maneira de apresentação também é saudável. Isso não é um problema se estamos apresentando a verdade em humildade e amor. Porém,

se somos arrogantes e queremos aumentar nossos seguidores mais do que queremos que outros amem a verdade, acabamos encorajando as pessoas a fazerem o mesmo, envenenando árvores que deveriam estar dando o fruto do Espírito em quaisquer circunstâncias.

Posicionar-se pela verdade, mesmo se isso cria uma controvérsia, é essencial a todo o momento. Ao mesmo tempo, Newton reconhece o farisaísmo que motiva muitos dos argumentos:

Os melhores dos homens não são completamente livres deste fermento [do farisaísmo]; e portanto são muito aptos a se agradarem de tais representações que expõem nossos adversários ao ridículo, e por consequência, elogiam nossos julgamentos superiores. Controvérsias, em sua maior parte, são muito muito dadas a favorecer ao invés de reprimir esta disposição errada; e portanto, falando de forma geral, elas produzem pouco bem. Elas provocam aqueles que elas deveriam convencer, e inflam aqueles a quem elas deveriam edificar.

Tanto cristãos quanto não cristãos estão nos assistindo. Sejamos, portanto, dispostos a nos posicionarmos firmemente pela verdade de Cristo, mas façamos isto com a sabedoria que discerne as montanhas nas quais deveríamos morrer daquelas nas quais nenhuma verdade essencial está em jogo. Ademais, posicionemo-nos também de tal maneira que nosso amor e humildade nunca possam ser legitimamente questionados.

CONSIDERE A SI MESMO

Burk Parsons

A controvérsia existe porque a verdade de Deus existe em um mundo de mentiras. A controvérsia é o problema dos pecadores em um mundo caído, que foram originalmente criados por Deus para conhecer a verdade, amar a verdade e proclamar a verdade. Nós não podemos escapar da controvérsia nesta vida, nem deveríamos buscar tal coisa. Como cristãos, Deus nos resgatou das trevas e nos tornou aptos para permanecer em Sua maravilhosa luz. Ele nos chamou para adentrarmos nas trevas e brilharmos como uma luz para o mundo, refletindo a gloriosa luz de nosso Senhor Jesus Cristo. E quando a luz brilha nas trevas, a controvérsia é inevitável.

Se estamos em Cristo, a verdade nos libertou e, portanto, somos chamados a discernir a verdade do erro e também a verdade da meia-verdade. Apesar de não ser sempre fácil defender a verdade no meio das trevas deste mundo, nós somos ajudados pelo Espírito Santo a distinguir a luz das trevas ao andarmos à Luz de Sua Palavra. A dificuldade vem quando tentamos discernir a verdade do erro na igreja de Cristo. Além disso, quando cremos que discernimos a verdade do erro na igreja, como fazemos a exposição do erro e proclamamos a verdade dentro

do corpo de Cristo? Isto é particularmente desafiador considerando que Deus nos chama por um lado para “batalhar pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos” (Jd 3), e Ele nos chama por outro lado a esforçarmos diligentemente “por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz” (Ef 4.3).

Então, como nós batalhamos pela única fé verdadeira enquanto esforçamo-nos pela paz e unidade na igreja? Ao olhar rapidamente, alguns podem pensar que estas duas ordens são mutuamente exclusivas. Contudo, o chamado de Deus para batalharmos pela pureza e o chamado de Deus para esforçarmos pela paz e unidade são fundamentalmente entrelaçados. Se vamos entender como devemos envolvermos em uma controvérsia, devemos primeiramente entender que estes mandamentos não estão em divergência um com o outro, mas por necessidade, complementam um ao outro.

Paz e unidade existem na igreja não apesar da verdade, mas precisamente por causa da verdade. Desta forma, nós batalhamos seriamente pela pureza da única fé verdadeira com o objetivo de preservar a autêntica unidade da única noiva de Cristo para a glória de Cristo. Unidade à custa da pureza produz anarquia. Nós não podemos ter verdadeira paz e unidade sem a pureza.

Se nos importamos com a glória de Cristo, vamos nos importar com a paz e a unidade de Sua igreja e, por consequência, vamos nos importar com a pureza da igreja. Mais diretamente, se nós somos complacentes a respeito de toda e qualquer controvérsia, isso provavelmente significa que nós somos complacentes a respeito da própria verdade. Contudo, se nos envolvermos completamente em cada uma aparente controvérsia que existe na igreja, isso poderia significar que não estamos fazendo a nós mesmos as perguntas certas para determinar em quais

controvérsias devemos nos envolver e, mais importante, de que maneira e em qual grau deveríamos nos envolver.

Em sua carta “Sobre a Controvérsia”, John Newton adverte que antes de nos envolvermos em uma controvérsia de qualquer natureza, devemos primeiramente considerar a nós mesmos. Ele pergunta:

De que valerá a um homem se ele ganha sua causa e silencia seu adversário, se ao mesmo tempo ele perde aquela humilde e delicada estrutura na qual o Senhor se agrada, e para a qual a promessa de sua presença foi feita?

Newton escreveu estas palavras no século dezoito, e elas são tão pertinentes hoje quanto foram naquela época, especialmente se considerarmos a nova mídia constantemente emergente através da qual qualquer um pode se envolver em controvérsia mais facilmente e mais publicamente. Ainda assim, o meio não é o problema, nem mesmo a controvérsia é o problema. Nós somos o problema — como nos envolvemos em controvérsia e como utilizamos a mídia, tanto a velha quanto a nova.

Com esta mentalidade, conforme nos esforçamos para examinarmos corretamente a nós mesmos antes de nos envolvermos em controvérsia, seja online ou através de um livro, eu ofereço dez perguntas que podemos fazer a nós mesmos para que nos ajude a determinar se, quando, e como devemos nos envolver em controvérsia ao batalharmos pela paz, pureza e unidade da igreja de Jesus Cristo.

1. EU JÁ OREI? A oração é a coisa mais fácil de fazer e, talvez, a coisa mais fácil de esquecer. Antes de nos envolvermos em controvérsia, somos chamados a humildemente bus-

car o Senhor, orando por nós mesmos e por aqueles com quem discordamos.

2. QUAL O MEU MOTIVO? Fazemos bem em questionar nossos motivos sem questionar os motivos dos outros. Somos arrogantes ao pensar que podemos julgar os motivos dos outros quando não conseguimos nem mesmo entender nossos próprios motivos às vezes. Nós precisamos pedir ao Espírito para sondar nossos corações e revelar qualquer malícia.

3. ESTOU ME ESFORÇANDO PARA EDIFICAR A OUTROS? Estamos nos esforçando para ganhar uma discussão tendo como fim a própria discussão, ou nosso objetivo é trazer a pessoa com quem discordamos (e os ouvintes) a uma conformidade mais íntima com a Palavra de Deus e a glória de Deus? Nosso objetivo é mostrar nossa inteligência ou apontar aos outros a Deus e Sua Palavra?

4. EU BUSQUEI CONSELHO? Nós desesperadamente devemos buscar a sabedoria de nossos irmãos em Cristo, particularmente homens mais velhos e mulheres mais velhas que ficaram mais gentis, amáveis e sábios ao amadurecer no Espírito. Precisamos buscar a sabedoria de nossos pastores e presbíteros, e até mesmo de irmãos sábios com os quais nós talvez discordemos.

5. NÃO SERIA O CASO DE EU PERMANECER INJUSTIÇADO? Quando alguém nos critica, justamente ou não, publicamente ou privadamente, nem sempre é necessário responder. O amor cobre uma multidão de pecados, e nosso humilde silêncio ou o virar a outra face pode desviar a ira do outro.

6. COMO EU IREI TRATAR A PESSOA COM A QUAL EU DISCORDO? Estamos mostrando amor ao nosso irmão de maneira que o mundo saiba que somos codiscípulos de Cristo? Estamos

tratando nosso “adversário” como um irmão em Cristo ou como um inimigo da igreja?

7. ESTOU ME ENVOLVENDO COM UM PÚBLICO MAIOR DO QUE O NECESSÁRIO? Seria uma questão pública ou particular? E também, seria uma questão primária ou secundária? Homens piedosos já discordaram disso através da história, e se sim, como isso deveria afetar meu modo de falar? Estamos respondendo a uma real controvérsia ou estamos na verdade criando uma ou fazendo disso uma questão maior do que ela realmente é?

8. EU SOU A PESSOA CERTA PARA SE ENVOLVER? Nós frequentemente pensamos mais de nós mesmos do que deveríamos, e raramente estimamos aos outros como melhores que nós mesmos. Precisamos perguntar a nós mesmos se algo precisa ser dito, e se nós somos aqueles que devemos dizê-lo. Simplesmente porque nós temos uma plataforma para falar de uma questão, não significa que sempre temos de usá-la.

9. QUAL É O MEU OBJETIVO FINAL? O que estamos buscando alcançar? Qual verdade estamos defendendo? Nosso envolvimento avança o evangelho e o amor a Deus e ao nosso próximo? Nosso objetivo nunca deve ser mera provocação.

10. ESTOU CONCENTRADO NA GLÓRIA DE DEUS? Estamos servindo ao reino de Deus ou ao nosso próprio reino e nome? Nosso objetivo não é ganhar mais leitores ou ouvintes, mas apontar todos os olhos para Cristo para Sua glória. Se devemos nos envolver em controvérsia, que façamos isso sempre pelo reino de Deus a glória de Deus, não nosso reino e nossa glória.

CONSIDERE A GLÓRIA DE DEUS

Sinclair Ferguson

John Newton (1725–1807) é mais bem conhecido conhecido hoje em dia por seus grandes hinos (incluindo *Amazing Grace* [“Maravilhosa Graça”] e *Glorious Things of Thee Are Spoken* [“Gloriosas Coisas São Ditas de Ti”]). Mas, em sua época, ele era mais bem considerado como um escritor de cartas — “o grande diretor de almas através do correio,” como alguém o descreveu. Tal era o valor de sua correspondência que ele publicou diversos volumes de suas cartas (incluindo uma de suas cartas para sua esposa, a qual gerou o comentário de um revisor, seu amigo Richard Cecil, que as esposas seriam arrebatadas lendo tais cartas de amor enquanto que “nós [maridos] sofreremos perda de estima por não sermos capazes de escrever cartas tão galantes”). Em diversas de suas cartas, ele comenta sobre o assunto da controvérsia. Ele tinha um desgosto por ela (seria algo triste ter um “gosto” por ela, não é verdade?). Ele também tinha a consciência de não ser capacitado para a controvérsia. Ele observou que era “não apenas desagradável para meu gosto, mas realmente acima de meu alcance.” Mas a falta de experiência não é necessariamente um obstáculo à habilidade de alguém para dar aconselhamento bíblico. Newton constantemente pro-

curou dar tal aconselhamento (ele não encorajou William Wilberforce na grande controvérsia sobre o comércio de escravos?). Em um dia no qual apenas um escasso número de ministros anglicanos eram evangélicos, ele era particularmente consciente de que os calvinistas, estando muito em minoria, poderiam se sentir pressionados à controvérsia muito frequentemente.

Certamente foi por este motivo que uma de suas maiores preocupações era que, se fosse necessário que nos envolvêssemos em controvérsia, nossa perspectiva precisaria ser dominada pela questão da glória de Deus. “Se agimos com um espírito incorreto,” ele escreve, “traremos pouca glória a Deus.” A primeira questão do Catecismo Menor de Westminster é relevante aqui e em qualquer lugar: como eu falo, escrevo, ou ajo em situações de controvérsia para que Deus seja mais glorificado?

Este é o princípio. Mas ele precisa ser particularizado. Newton percebeu que, às vezes, nós nos envolvemos em controvérsia professadamente “para a glória de Deus”, mas estamos cegos para as maneiras pelas quais nossos próprios motivos impactam e representam nosso discurso e nossas ações. A orientação “pela glória de Deus” deve transformar a maneira como cristãos respondem à controvérsia.

“Pela glória de Deus” não implica em uma resposta monolítica para toda controvérsia. As circunstâncias alteram os casos. Nós não jogamos pérolas aos porcos.

Eis aqui três ilustrações de controvérsias. Na primeira, o silêncio é a reação apropriada para glorificar a Deus; na segunda, o confronto; e na terceira, a paciência.

Por que tais respostas diferentes?

Manter o silêncio

Isaías 36 vividamente descreve como Senaqueribe da Assíria atacou Judá. O Rab-shakeh (um oficial assírio) procurou incitar a controvérsia. Ele falou, como Ezequias reconheceu, “para afrontar o Deus vivo” (Is 37.17). Mas os líderes seguiram o conselho de seu rei: “Se calaram, e não lhe responderam palavra alguma” (36.21). O fim da história? Deus trouxe justiça à resposta deles. O anjo do Senhor derrubou 185.000 assírios. Senaqueribe recuou.

Não teria sido mais ousado, mais “fiel”, envolver-se em controvérsia verbal em defesa do Senhor? Por que o silêncio? Por três razões.

1. PALAVRAS DE COMBATE não teriam defendido a glória de Deus aqui. Em tais situações, buscamos que o Senhor defenda Sua própria glória e não a dê a outro.

2. NÓS DEFENDEMOS MELHOR a glória do Senhor falando primeiramente a Ele sobre homens incrédulos do que falando primeiro sobre Ele para homens incrédulos. Daí a oração de Ezequias: “Agora, pois, ó SENHOR nosso Deus, livra-nos da sua mão; e assim saberão todos os reinos da terra, que só tu és o SENHOR” (37.20). Infelizmente, nem todos os fortes controversialistas são fortes intercessores.

3. PODEMOS CAUSAR DANO à glória do Senhor — como Newton sugere —pela forma como respondemos à controvérsia. O insulto do homem a Deus não é revertido pelo nosso insulto ao homem.

Falar diretamente

Um incidente menos público, mas não menos estonteante, ocorreu na igreja primitiva. Imagine a atmosfera elétrica: Simão Pedro tendo comunhão à mesa com os gentios. Então “certos homens vieram da parte de Tiago” (Gl 2.12). Pedro apartou-se, assim como outros judeus cristãos, “até mesmo Barnabé” (v. 11-14). Como Paulo reagiu? “Resisti-lhe na face” (v. 11).

Paulo estava absolutamente certo. Mas por que esta era uma reação que glorificava a Deus, ao invés do silêncio em consideração a Pedro e Barnabé, evitando o constrangimento e a potencial divisão?

1. OS PROTAGONISTAS estavam presentes e criam no mesmo evangelho. Paulo não esperou e mais tarde “falou mal” de Pedro. Ele fez o mais difícil. Falou pessoalmente e diretamente a ele. Isso glorifica a Deus porque segue um padrão bíblico (Mt 18.15; Tiago 4.17).

2. O PRÓPRIO CORAÇÃO DO EVANGELHO estava em risco aqui (como Paulo observa em Gálatas 2.15-21).

3. MINISTROS “ORDENADOS” do evangelho estavam envolvidos, não um único indivíduo comum. O desvio tanto de Pedro quanto de Barnabé levaria ao desvio de outros e a uma ruptura desastrosa na igreja toda. A glória de Deus na igreja exigiu um discurso direto.

Responder pacientemente

Alguns anos mais tarde, Paulo encontrou uma situação que, à primeira vista, parece similar. Havia uma contínua controvérsia sobre “dietas e dias” na(s) igreja(s) romana(s). Alguns

observavam dias especiais e evitavam certos alimentos. Era presumivelmente uma controvérsia entre crentes judeus e crentes gentios (estes últimos sendo a maioria nas igrejas após a expulsão de judeus e cristãos judeus de Roma; vide At 18.1-2). Paulo apreciava muito a glória de Deus. Como os dois grupos nesta controvérsia poderiam “a uma boca, [glorificar] ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 15.6)?

1. VISIVELMENTE, OS “FORTES”, aqueles no “lado correto” da controvérsia (Rm 14.14), são aqueles que evitam insistir que os outros adotem sua posição e prática “correta”. A glória de Deus é melhor vista quando “os fortes” saúdam “os fracos” — porque é isso que Deus fez em Cristo: “Porque Cristo, estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios” (Rm 5.6).

2. IRMÃOS EM CRISTO são servos de Cristo, não nossos servos. Depreciar ou desprezar os fracos é desprezar a glória de Deus. (Lembra-se de Mateus 25.40?)

3. INSISTIR EM exercitar a “liberdade” de alguém em matéria de controvérsia (comer carne, ignorar dias, etc.) compromete a própria liberdade. Isso significa que somos levados por uma “necessidade” interna, ao invés do amor. Nós estamos focados na glória própria ao invés da glória de Deus. Já que “Cristo não agradou a si mesmo” (Rm 15.3), deveríamos agradecer a nós mesmos?

Estes exemplos não são de maneira alguma abrangentes. Contudo, ilustram o ponto de Newton. Em todas as coisas, busque a glória de Deus — e guarde seu coração. Os cristãos sempre carecem deste sábio conselho.



O ministério Voltemos ao Evangelho nasceu com o grandioso intuito de proclamar o único e verdadeiro Evangelho, chamando a nação brasileira a voltar à centralidade da glória de Deus na face de Cristo e ao fundamento das Escrituras.

Disponibilizamos material multimídia, textos e vídeos gratuitos, sem restrição quanto ao uso pessoal ou ministerial, a fim de que Deus seja glorificado e a Igreja de Cristo, edificada.

Para mais informações, acesse
<http://VoltemosAoEvangelho.com/>

